



DOIS RIOS E AS VOZES DA NARRATIVA

Amanda do Nascimento dos Santos Almeida

Orientador: José Luís Jobim de Salles Fonseca

Mestranda

RESUMO: Este trabalho pretende apresentar o objeto de pesquisa com o qual pretendo trabalhar ao longo do curso mestrado em estudos de literatura, assim como autores e conceitos pertinentes a mesma. *Dois Rios* (2012) da autora Tatiana Salem Levy é um romance contemporâneo que traz duas possibilidades narrativas e somos convidados pela linguagem literária a interagir com Joana e Antônio: duas vidas distintas, dois rios, dois irmãos gêmeos cada qual em sua parte do livro, vivendo no mesmo tempo espacial envolvimento romântico coma mesma personagem, Marie Ange. É a própria literatura nos concedendo a possibilidade de vivenciar outro mundo no qual é possível que dois rios, duas histórias, escorram em direções congruentes, fluidas, móveis, leves, em suas realidades também, líquidas. As variadas possibilidades interpretativas partirão dos conceitos de pós-modernidade e identidade cultural – *O pós-moderno* (Lyotard,1986); *A identidade cultural na pós-modernidade* (Hall, 2002). A palavra literária tem a capacidade, portanto, de fundar um mundo e é da responsabilidade do escritor o fazer literário da qual essa palavra é fundadora de sua própria realidade. É das mãos do escritor que a ponte que liga a literatura e a realidade se assenta, ainda que a palavra literária faça da coisa nomeada sua própria realidade e em vez de representar o mundo apresenta “o outro de outros mundos”. Nesse sentido, será tratada a questão da voz do romance no que tange à narrativa contemporânea de Tatiana Salem Levy, com o apoio teórico da obra *O Romance e a Voz* (MACHADO, 1995). Esta pesquisa ainda em fase inicial ousa indicar que a possibilidade narrativa de *Dois Rios* dá através do mundo

pós-moderno que está sob uma condição de incerteza que é permanente e irreduzível, condição esta a ser investigada no romance.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira, Narrativa Contemporânea.

Apresentação

Este trabalho apresenta o objeto de pesquisa com o qual pretendo trabalhar ao longo do curso mestrado em estudos de literatura, assim como autores e conceitos pertinentes a mesma. Pretendo trabalhar com *Dois Rios* e suas variadas possibilidades interpretativas partindo dos conceitos de pós-modernidade e identidade cultural – que foram trabalhados na disciplina a que se refere este trabalho – e a questão da voz do romance no que tange à narrativa contemporânea da autora.

Dois Rios, romance da autora Tatiana Salem Levy, nos apresenta duas possibilidades, duas interpretações, dois protagonistas, dois caminhos, dois rios, um elo. Para Lyotard, um dos mais importantes pensadores acerca da pós-modernidade, a diferença entre a modernidade e a pós-modernidade estaria presente na percepção de que na primeira eram as ciências que criavam as verdades e as leis, assim como a idealização de um bem-comum geral. Enquanto que na segunda, o saber está marcado pela dúvida, desconstrução, perspectiva, desconfiança, interpretação, não-existência de verdades, suspeitas, construção do conhecimento a partir da problemática.

O pós-moderno, enquanto condição da cultura nesta era, caracteriza-se exatamente pela incredulidade perante o metadiscurso filosófico-metafísico, com suas pretensões atemporais e universalizantes. O cenário pós-moderno é essencialmente cibernético informático e informacional. (LYOTARD, 1998: 7)

Nesse cenário, ainda segundo o filósofo, aumentam as pesquisas sobre linguagem com o objetivo de conhecer a mecânica de sua produção e de estabelecer compatibilidades entre linguagem e máquina informática, expende-se o esforço para conhecer a estrutura e funcionamento do cérebro assim como o mecanismo da vida.

Se a experiência literária pode ser uma possibilidade de resistência ao domínio do saber que ultrapassa as “verdades” de cada época histórica e suas influências é certo que a pós-modernidade carrega continuidades da Modernidade assim como também pontos de ruptura.

Identificar como continuidades o apreço pela linguagem popular nas suas diversas expressões nas artes. Como elementos de ruptura podem ser citados o resgate da historicidade

ou a revisita crítica ao passado, a consciência do caráter político da obra, a afirmação de uma subjetividade descentrada, a presença frequente da mídia – que não acontecia na modernidade, e a não hierarquização do erudito e do popular quanto às produções.

Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes. Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intensionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes. (GIDDENS, 1991: 10)

E ainda, utiliza-se neste trabalho a terminologia “pós-modernidade” e “pós-moderno” apenas no que tange a percepção de diferenças entre o passado e o presente, que são inegáveis, sem a pretensão, portanto de cristalizar tal nomenclatura.

O advento da mídia e tecnologia durante a modernidade permitiu que diversas fronteiras fossem dissolvidas. Sendo assim, o abismo entre o erudito e o popular dissipou-se dando lugar à liberdade de se conhecer a literatura produzida pelo que ela realmente é e não por mera hierarquização.

Segundo Giddens, a história "começa" com culturas pequenas, isoladas, de caçadores e coletores, se movimenta através do desenvolvimento de comunidades agrícolas e pastoris e daí para a formação de estados agrários, culminando na emergência de sociedades modernas no Ocidente. Remontando esse ponto de vista para com a Pós-Modernidade estaríamos delineando caminhos pelos quais a literatura viria percorrer adiante com as produções de grupos depouca ou nenhuma representatividade crítica.

O Pós-Modernismo se caracterizou justamente pela consciência do valor e significado de se respeitar a diferença de alteridade. Assim, erguendo-se contra toda sorte de etnocentrismo e logocentrismo e contra todo tipo de identidade unívoca e estática, em favor da diversidade e da pluralidade de caminhos, o movimento não só deu margem a um vasto leque de possibilidades artísticas, como também abriu novos campos de investigação intelectual social e política. (COUTINHO, 2005: 46)

A consciência pós-moderna é a consciência do fracasso da modernidade, das utopias que outrora prometeu fundamentada na ilusão de que estávamos construindo um mundo simétrico e agora nos deparamos com a certeza de que tudo pode ser aperfeiçoado continuamente exceto o ser humano, ou seja, não existe plena eficiência em todos os níveis. A pós-modernidade é fruto da modernidade, contrário da dessa, não temos certeza de quem

somos e do que queremos e somos uma espécie de prisioneiros da própria liberdade que não raramente também atormenta. Lembrando que:

O fenômeno pós-moderno se revela justamente naquelas obras em, que se vislumbra uma pluralidade de linguagem, modelos e procedimentos, e onde oposições como entre realismo e irrealismo, formalismo e conteudismo, esteticismo e engajamento político, literatura erudita e popular cedem lugar a uma coexistência em tensão desses mesmos elementos. (...) o Pós-Modernismo desestrutura figuras e vozes narrativas estáveis e problematiza toda a noção tradicional de conhecimento histórico, pondo em questão ao mesmo tempo todas as instituições e sistemas que constituem as fontes básicas de significado e valor da tradição estética ocidental. (COUTINHO, 2005: 41)

A trama de *Dois Rios* é possível através da possível intersecção que se faz entre as duas narrativas, pelo fato de não nos atermos somente a uma ou outra possibilidade. Em *Dois Rios*, cada qual dos irmãos nos apresenta seu mundo de uma ótica diferente, como nos trechos abaixo, respectivamente Joana e Antonio:

O mundo que eu e meu irmão havíamos esboçado logo se mostrou frágil e vaporoso. O elo que nos unia se rompeu de forma tão abrupta que hoje chego a duvidar da veracidade das minhas lembranças. Se nos amássemos tanto, seria mesmo possível destruir o laço? À medida que o tempo passava, nós nos afastávamos, reforçando a improbabilidade de reconciliação. (...) E a história dele foi, durante muito tempo, também a minha. (LEVY, 2011: 10)
Nós éramos grudados. Quando eu pensava uma coisa, ela pensava a mesma. O que ela sentia, eu sentia igual, quando tinha sono eu também tinha, quando estava feliz eu também estava, quando queria correr eu também queria, quando sentia fome eu também sentia, se chorava eu me entristecia. (LEVY, 2011: 153)

O romance nos evoca duas narrativas dadas por dois protagonistas diferentes, dois irmãos gêmeos, Joana e Antonio, que viveram duas histórias de amor distintas com a mesma pessoa, Marie Ange, que vem salvá-los do vazio de suas vidas. Ou seja, há a construção de duas identidades diante de experiências semelhantes e, portanto, a pós-modernidade como um fenômeno é heterogêneo e plural, possibilita que a narrativa de um livro siga como se seguissem dois rios.

2 – A voz e o romance: foco narrativo

A condição do escritor na contemporaneidade também é uma questão a ser investigada através desta pesquisa, já que, o motivo pelo qual se faz literatura muda através dos tempos e

especialmente hoje, diante de tantos meios de expressão e entretenimento, dedicar-se à literatura pode ter razões que ainda não nos demos conta.

Um artista ou escritor pós-moderno está numa situação de um filósofo: o texto que se escreve e a obra que apresenta não estão, em princípio, norteados por regras estabelecidas, e eles não podem sujeitar-se a um determinado julgamento pela aplicação de categorias conhecidas. São essas regras e essas categorias que o texto ou a obra procura. O artista e o escritor, portanto, trabalham sem regras, com o fim de estabelecer as regras do que *terá* sido feito. Por isso, a obra e o texto têm a característica de um evento; surgem tarde demais para seus autores ou – o que equivale à mesma coisa – sua realização sempre começa cedo demais. O pós-moderno precisa ser compreendido através do paradoxo do tempo futuro anterior. (LYOTARD, 1998. *Apud in* BAUMAN, 1998: 131)

A palavra literária tem a capacidade de fundar um mundo e é da responsabilidade do escritor o fazer literário da qual essa palavra é fundadora de sua própria realidade. É das mãos do escritor que a ponte que liga a literatura e a realidade se assenta, ainda que a palavra literária faça da coisa nomeada sua própria realidade. A palavra literária em vez de representar o mundo apresenta “o outro de outros mundos”.

“Autor é, para Bakhtin, elemento constitutivo da obra e não um mero “portador de vivências anímicas”. Quer dizer, autor “é a única energia formativa que não ocorre em uma consciência psicologicamente concebida”. Na verdade, ele é “um produto cultural significativo e estável que manifesta sua reação na estrutura de uma visão ativa do personagem” (M. Bakhtin, 1982: 16 *apud in* MACHADO, 1995: 91)

Eis a alma da polifonia: as vozes que entram para a constituição do romance são sujeitos plenevalentes daquilo que enunciam porque são, sobretudo, ideias em confronto, são os pontos de vista em constante interação. (...) Interessa-lhe sim considerar o romance polifônico como possibilidade estética de um gênero que desenvolveu formas heterogêneas e em constante devir. (MACHADO, 1995: 93)

Mikhail Bakhtin verificou a existência da polifonia, as várias vozes num mesmo texto, de forma a desenvolver a teoria do dialogismo que é, muito resumidamente, o diálogo nem sempre harmônico entre as obras literárias. É, portanto, impossível definir a figura do autor sem relacioná-la a seus personagens, visto que estamos diante de relações dialógicas.

Na chamada pós-modernidade, o valor cultural de uma obra não mais reside no fato de a mesma seguir o padrão canônico, mas sim respeitar a valorização das múltiplas identidades culturais ali presentes.

Autor, personagens e narradores tornam-se os elementos imprescindíveis da representação sem os quais seria impossível falar em polifonia. O romance polifônico é objeto central da teoria bakhtiniana sobre o romance e a relação entre autor e personagens é o eixo através do qual essa relação evolui. Afinal, não se pode esquecer de que o diálogo só é possível entre pessoas e não entre elementos abstratos da linguagem. (MACHADO, 1995: 91)

Dois Rios dá vida a personagens que transcende suas páginas, que são autônomos, decidindo suas ações futuras sem levar em consideração a noção tradicional de tempo e espaço, visto que temos duas histórias concomitantes que se desenvolvem de forma diferenciada. O autor é aquele que permite a extrapolação literária desta pessoa-personagem que ao ser lido e vivido pelo interlocutor já não é mais aquele que outrora fora criado.

Finalizando...

A sociedade que entra no século XXI não é menos “moderna” que a que entrou no século XX; o máximo que se pode dizer é que ela é moderna de um modo diferente. O que a faz tão moderna como era mais ou menos há um século é o que distingue a modernidade de todas as formas históricas do convívio humano: a compulsiva e obsessiva, contínua, irrefreável e sempre incompleta modernização. (BAUMAN, 2001: 40)

Em *Dois Rios*, portanto, somos convidados pela linguagem literária ao que nos é proposto: Joana e Antônio, *Dois Rios*, dois irmãos gêmeos cada qual em sua parte do livro, vivendo no mesmo tempo espacial envolvimento romântico com Marie Ange. É a própria literatura nos concedendo a possibilidade de vivenciar outro mundo no qual é possível que dois rios, duas histórias, escurram em direções congruentes, fluidos, móveis, leves, em suas realidades também, líquidas.

O modo como o público recebe as obras atualmente também é importante e influencia o modo e sobre o que o escritor produz, o que urge, o que é emergente. A pós-modernidade nos exige sorrateiramente o abandono das certezas que constituem nossa cultura e dos princípios que regem nossa história.

A criação e a recepção, do mesmo modo, são os processos da descoberta permanente e nunca será provável uma descoberta descobrir tudo o que há para ser descoberto, ou descobri-lo de uma forma que frustre a possibilidade de uma descoberta inteiramente diversa... (BAUMAN, 1998: 133)

O contemporâneo adentra a temática deste trabalho ao passo que este também pretende delinear os caminhos que nos trazem até a literatura contemporânea que, é berço da produção atual, já que a contemporaneidade é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo¹.

O compromisso que está em questão na contemporaneidade não tem lugar simplesmente no tempo cronológico; é, no tempo cronológico, algo que urge dentro deste e que o transforma e essa urgência é a intempestividade que nos permite apreender o nosso tempo (...) E, do mesmo modo reconhecer nas trevas do presente da luz que, sem nunca poder nos alcançar, está perenemente em viagem até nós. (AGAMBEN, 2009: 65)

Dois Rios também nos permite assumir as distâncias de um romance que não pretende ser isto ou aquilo, e que nos deixa escolher um ponto de vista, ou vários. As noções de contemporaneidade apresentadas por Agamben remete-nos ao romance pelas questões que envolvem o tempo e o anacronismo que se percebe na narrativa dúbia, *una* ou simplesmente fruto da pós-modernidade na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- BAUMAN, Zigmunt. *O Mal-Estar da Pós Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- LEVY, Tatiana Salem. *Dois Rios*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- MACHADO, Irene. *O Romance e a Voz*. SP: Imago, 1995.

¹AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009. P. 59.



Anais do VIII Seminário dos Alunos dos Programas
de Pós-Graduação do Instituto de Letras da UFF
Estudos de Literatura

MIRANDA, Wander Melo. *Nações Literárias*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.